

Leandro Gomes de Ba.

# O DINHEIRO



Casamento do sapo

Ultimas palavras dum papa

A VENDA

Recife--Rue IMPERIAL n. 80

1909



## O dinheiro

O dinheiro neste mundo  
Não ha força que o debande,  
Nem perigo que o enfrente,  
Nem senhoria que o mande.  
Tudo está abaixo d'elle  
Só elle alli é o grande.

Elle impera sobre um throno  
Cercado por ambição,  
O chaleirismo a seus pès  
Sempre está de promptidão,  
Perguntando-lhe com cuidado  
—O que lhe falta, patrão?

No dinheiro tem se visto  
Nobreza desconhecida,  
Meios que ganham questão  
Ainda estando perdida,  
Honra por meio da infamia,  
Gloria mal adquirida.

Porque só mesmo o dinheiro  
Tem maior utilidade,

E' o pharol que mais brilha  
Perante a sociedade.  
O codigo dalli é elle  
A lei é sua vontade.

O homem tendo dinheiro  
Mata até o proprio pae.  
A justiça fecha os olhos  
A policia lá não vai,  
Passam-se cinco ou seis mezes  
Vai indo o processo cae.

Compra cinco testemnnhas  
Que depõe a seu favor,  
Aluga dois escrivães  
E compra o procurador,  
Faz dois doutores de prata,  
Prompto o homem, meu senhor.

Ainda que vá a jury  
Compra logó a attenuante,  
Dá um uncto nos jurados  
Se livra no mesmo instante,  
Tem o juiz a favor,  
Jnrados e assim por deante.

Essas questões muito serias  
Que vão para o tribunal,  
Alli exige papeis  
Que levem prova legal,

Cedulas de quinhentos fachos,  
E' o papel principal.

Dinheiro faz eloquencia  
A quem uunca teve estudo,  
Imprime coragem ao fraco,  
Dá animação a tudo,  
Vence batalha sem arma,  
Faz vez de lança e escudo.

Aonde não ha dinheiro  
Todo trabalho é perdido,  
Toda questão esmorece,  
Todo negocio é fallido,  
Todo calculo sahe errado,  
Todo debate é vencido.

Pois um homem sem dinheiro  
E' como um velho demente,  
Um gato que não tem unha,  
Cobra que não tem um dente,  
Cachorro que não tem faro,  
Cavallo magro e doente.

Porque perante o dinheiro  
Tudo alli se torna molle,  
Porque não ha objecto  
Que sobre seus pés não role,  
Bote o dinheiro no morto  
Que a ossada delle bole.

O bacharel por dinheiro  
Só macaco por banana  
Ou gato por guabirú,  
Ou um guaxinim por canna  
Só saguim pela rizina  
Ou bode por gitirana.

A moça tendo dinheiro  
Sendo feia como a morte,  
Caracterisa-se, enfeita-se,  
Sempre melhora de sorte,  
Mais de mil aventureiros  
A desejam por consorte.

Porque dinheiro na terra  
E' capa que tudo encobre,  
Cubra um cachorro com ouro  
Que elle tem que ficar nobre,  
E' superior ao dono  
Se acaso o dono fôr pobre.

Eu vi narrar um facto  
Que fiquei admirado,  
Um sertanejo me disse  
Quo nesse seculo passado  
Viu enterrar um cachorro  
Com honras de um potentado.

Um inglez tinha um cachorro  
De uma grande estimação

Morreu o dito cachorro  
E o inglez disse então:  
Mim enterra esse cachorro  
Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigario lhe disse:  
—Morreu cachorra de mim  
E urubú do Brasil  
Não poderá dar-lhe fim,  
Cachorro deixou dinheiro:  
Perguntou o vigario, assim?

Mim quer enterrar cachorro  
Disse o vigario oh! inglez!  
Você pensa que isto aqui  
E' o paiz de vocês?  
Disse o inglez oh! cachorro!  
Gasta tudo desta vez.

Elle antes de morrer  
Um testamento apromptou  
Só quatro contos de réis  
Para o vigario deixou.  
Antes do inglez findar  
O vigario suspirou.

Coitado! disse o vigario,  
De que morreu esse pobre?  
Que animal intelligente!  
Que sentimento tão nobre!

Antes de partir do mundo  
Fez-me presente do cobre.

Leve-o para o cemiterio  
Que vou o encommendar  
Isto é, traga o dinheiro  
Antes d'elle se enterrar,  
Estes suffragios fiados  
E' fativo não salvar.

E lá chegou o cachorro  
O dinheiro foi na frente,  
Teve memento o enterro,  
Missa de corpo presente,  
Ladilha e seu rancho  
Melhor do que certa gente.

Mandaram dar parte ao bispo  
Que o vigario tinha feito  
O enterro do cachorro.  
Que não era de direito,  
O bispo ahi fallou muito  
Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o vigario  
Prompto o vigario chegou  
As ordens sua excellencia...  
O bispo lhe perguntou:  
Então que cachorro foi  
Que seu vigario enterrou?

Foi um cachorro importante  
Animal de intelligencia  
Elle antes de morrer  
Deixou á vossa excellencia  
Dois contos de reis em ouro...  
Se errei tenha paciencia.

Não foi erro, sr. vigario,  
Você é um bom pastor  
Desculpe eu incommodal-o  
A culpa é do portador,  
Um cachorro como este  
Já vê que é merecedor.

O meu informante disse-me  
Que o caso tinha se dado  
E eu julguei que isso fosse  
Um cachorro desgraçado.  
Elle lembrou-se de mim  
Não o faço desprezado.

O vigario ahi abriu  
Os dois conticulos de réis.  
O bispo disse é melhor  
De que diversos fieis.  
E disse prouvera Deus  
Que assim lá morresse uns dez.

E se não fosse o dinheiro  
A questão ficava feia,

Dezenterrava o cachorro  
O vigario ia á cadeia  
Mas como gimbre correu  
Ficou qual letras na areia.

Judas era um homem santo  
Pregava a religião  
Era discipulo de Christo.  
Tinha toda direcção  
Porem por 30 dinheiros  
Dispensou a salvação.

O dinheiro só não pode  
Privar do dono morrer,  
Parar o vento no ar  
E prohibir de chover.  
O resto torna-se facil  
Para o dinheiro dinheiro fazer.

O sacerdote no templo  
Inda estando no sermão  
Chega um athen na igreja  
E traga-lhe um meio milhão  
Que elle vae logo encontral-o  
Bota-o na palma da mão.

Havendo muito dinheiro  
Casa-se irmã com irmão,  
O bispo dispensa um quarto  
Vai ao papa outro quinhão

O vigario dar-lhe o uncto  
E porque não casam então?



## Gosto com desgosto

( *O casamento do sapo* )

No tempo do carrancisco  
Tempo em que bichos fallavam,  
Como hoje vivem os homens,  
Elles tambem transitavam  
Haviam muitas questões,  
Casos fundos que se davam.

Na cidade da Caipora  
Perto de Taboa Lascada,  
Municipio da Rabugem,  
Freguezia de S. Nada,  
Rua de Não sei se ha,  
Esquina da Sorte Minguada,

Morava nesse chalet  
Um sapo velho caldereiro

Tinha uma grande familia,  
Um filho ainda solteiro  
O velho era arrumado  
E o filho tinha dinheiro.

A filha caçulla delle,  
Sapa tambem arrumada,  
Filha daquelle lugar,  
Por todo mundo estimada  
Por amar muito seu pai,  
Não estava ainda casada.

O visconde Cururú  
Barão de Cuia Quebrada,  
Morava na Villa Nojenta,  
Rua da Esfarrapada,  
Travessa do Lagadiço  
Na casa numero nada.

O visconde tinha um filho  
Um rapaz tambem solteiro  
Não era lá desses ricos  
Mas tambem tinha dinheiro,  
Engraçou-se da sapinha  
A filha do caldereiro.

A viscondessa Dona Gia  
Conhecendo que o filho amava  
A sapinha cardereira,  
Com vergonha não fallava

Respeitava muito ao pai  
Por isso nada tratava.

Disse a Gia ao Cururú:  
Seu filho quer se casar,  
Mas tem-lhe muito respeito  
Acanhou-se em lhe fallar,  
Venho consultar a você:  
Acha bom se ella acceitar?

— Acho: respondeu o sapo,  
A sapa é bem arranjada,  
Filha de um homem distincto  
Um bellissimo camarada,  
Ella e o pai acceitando,  
Se faz, eu não digo nada.

O visconde Cururú,  
Deu parte ao caldereiro,  
Esse com gosto acceitou  
Quasi recusa primeiro,  
Mas depois se resolveu  
Contractaram para Janeiro.

Disse o sapo caldereiro:  
— E' preciso eu preparar  
Um vestido muito fino  
Para filha se casar  
Eu quero dar um banquete  
Para ninguem censurar.

Comprou vestido de seda,  
Espartilho e capella,  
Guarda sol, luvas, sapatos,  
Tudo que agradasse a ella,  
E disse-lhe que convidasse  
Todas as amigas della.

Tinham tratado o casamento  
Para doze de Janeiro,  
Em Dezembro chuveu muito,  
Que quasi enche o barreiro,  
Resolveram o casamento  
Visto haver este aguaceiro.

Reuniram-se as familias,  
E deram logo andamento,  
Sahio da Villa Nojenta,  
Um grande acompanhamento,  
Sapos de todas as classes  
Que vinham ao casamento.

O visconde Cururú,  
Mettido em um casacão,  
O noivo todo de preto  
Trazia um bom correntão,  
Um pencenez de crystal,  
Em cada dedo um annellão.

Deram começo ao banquete,  
O caldeireiro tocava,

O Sapo Boi que era noivo,  
Junto da noivã berrava,  
O Visconde Cururú  
Um violão afinava.

A mulher do caldeireiro,  
Ajudando a vestir a filha,  
Dona Gia e outras damas,  
Estavam dansando quadrilha,  
O caldeireiro gritava:  
A festa brilha ou não brilha?

Estava o cunhado do noivo,  
Tocando em um rabeção,  
O Sapo Sunga Nenen,  
Descorria em um violão,  
O Cururú no pianno,  
A Gia no botijão.

Já o altar estava armado,  
Estava a noiva se apromptando,  
Os copeiros pondo a mesa,  
Perús e porcos se assando,  
Quando de subito viram,  
Tres cobras virem chegando.

Dessas tres recém-chegadas,  
Foi um jararacossú,  
Dirigio-se ao gabinete  
Do Visconde Cururú,

Olhem o desgosto no gosto!  
Quem quiz mais comer perú?

Uma das cobras de campo  
Foi ao major caldereiro,  
Não respeitou-lhe a patente  
Nem se importou com dinheiro  
A noiva e os convidados  
Ganharam logo o barreiro.

A outra ficou por fora  
Como quem fica de espia;  
Sahio beirando o barreiro,  
Pôde agarrar Dona Gia,  
Já viram que festa essa,  
Sem graça, sem poesia?

A noiva pôde evadir-se,  
O noivo também fugiu,  
Dos convidados só um  
Por feliz escapoliu,  
A mãe da noiva damnou-se  
Nem o noivo mais a viu.

Festa do sapo em barreiro,  
Bicho de rumo em vasculho,  
Herança de filhos pobres,  
Milho em lugar de gorgulho,  
E' como côco de negro,  
Vem se acabar em barulho...



Ultimas palavras de um  
Papa na hora da morte

DECIMA

Aguardente era pagã,  
Um soldado baptisou-a;  
Um frade foi o padrinho,  
Uma freira apresentou-a.

Meus filhos: hei de deixar  
Este mundo em que vivi  
Aguardente que bebi  
Vou agora a dispenasr  
Quero mais vos explicar  
Que a canna era nossa irmã;  
Aqnella deusa louçã,  
Com que Noé se entreteu  
Pois disse quando bebeu  
Aguardente era pagã.

Noé grande patriarcha  
Homem de muita sciencia,  
Recebeu da Providencia  
Depois de ter feito a barca  
Levaram-na mesmo na arca

Um anjo a elle entregou-a  
Elle ahi abençoou-a  
Mas antes de a ter bebido  
Com o respeito devido,  
Um soldado baptisou-a.

Isto diz a Escriptura:  
Que quando o diluvio cessou  
Noé um porre tomou  
Que ficou de vista escura  
Ahi quiz fazer figura,  
Um frade por ser santinho,  
Experimentou um pouquinho  
Essa deusa do paiz,  
Por isso é que o povo diz:  
Um frade foi o padrinho.

Uma mulher virtuosa,  
Tinha uma ideia escondida  
Que era a fructa prohibida,  
Aquella agua gazoza  
Bebeu e achou gostosa;  
Disse comsigo: é tão bôa!  
Qué um seculo ningnem enjôa  
Achou-se na traducção,  
Que naquella occasião  
Uma freira apresentou-a.



6084

**O autor reserva o direito de pro-  
priedade**

(268)